

VIDA PAROQUIAL

Director e Editor
P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Redacção . 58
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA



Visita de Nossa Senhora de Fátima à freguesia de S. João Baptista de Figueiró dos Vinhos

De 8 a 15 de Junho de 1958

RELATÓRIO

INTRODUÇÃO

É difícil dar uma noção exacta do que foi essa jornada gloriosa da Virgem Peregrina na paróquia de Figueiró dos Vinhos. Não serão os números capazes de dar espírito a tudo o que se passou.

Nem sequer o exterior é capaz de exprimir a graça de Deus que perpassou nas almas, abalando muitas, convertendo outras e, deixando em cada uma, um desejo de vida nova.

Figueiró dos Vinhos é uma paróquia extensa — abrangendo de norte a sul os vinte quilómetros e de nascente a poente cerca de nove —; difícil de servir — os lugares mais longínquos têm péssimas comunicações; difícil de trabalhar no plano religioso — meio agrário, comercial e ligeiramente operário; paróquia erizada de dificuldades tremendas de ordem político-sociais, em suma, uma ingente tarefa para um só pastor que tem a seu cargo um número de almas tão numeroso como as outras três paróquias do concelho.

Contudo algo se procurou fazer quando se recebeu a notícia alegre da vinda da Senhora.

I — Preparação

1.º — Logo que foi conhecida a data da visita de Nossa Senhora, procurou o pároco interessar a Câmara Municipal nos diversos actos dessa visita, recebendo desta entidade todo o apoio

e económico e moral — o que agradece reconhecidamente.

E para que todas as forças vivas — civis, judiciais, etc. — pudessem interessar-se, convocou-se, por intermédio da Câmara Municipal e do Pároco — uma reunião no Salão Nobre dos Paços do Concelho que foi concorridíssima e na qual se constituiu a Comissão Central, que ficou com a missão de coordenar e concatenar todos os esforços. E todos à uma começaram a trabalhar com afinco.

2.º — Não ficou o Pároco indiferente à preparação íntima das almas. Para isso iniciou o seu peregrinar pelas capelas da freguesia. E assim prègou e ensaiou cânticos nas capelas seguintes: Santo António das Bairradas, uma semana; Várzea Redonda, quatro dias; Castanheira, dois dias; Bairrão, dois dias; Aldeia Ana de Aviz, dois dias; Carapinhal, dois dias; Cabeças, dois dias.

Nessas visitas pretendeu-se interessar toda a gente e dar um sentido à visita — procurar modificar a vida, entrar no caminho de Deus.

Procurou-se também que cada lugar fizesse os seus arcos para que por esse meio colaborassem na recepção mais quente e colectiva a Nossa Senhora.

II — Chegada de Nossa Senhora

É indescritível a tarde do dia 8 de Junho de 1958.

No Pinhal de Araujo apinhava-se numerosa multidão — de todas as idades

e classes; havia lágrimas nos olhos, lenços em profusão, mãos erguidas a rezar; um entusiasmo sem limites.

A procissão organizou-se e dirigiu-se para o largo em frente da Igreja Paroquial, presidida pelo Senhor D. Manuel de Jesus Pereira, Venerando Bispo Auxiliar. Todos cantavam e rezavam e era sobremodo impressionante o entusiasmo dos homens.

Quando Nossa Senhora passava um mar de flores caía sobre ela, flores que eram perfume de orações.

Cerca das vinte horas chegou junto da Igreja Paroquial. Densa multidão se apinhava, cobrindo todo o largo do adro e comprimindo-se até ao largo da Câmara.

Falou o Senhor Bispo Auxiliar e confessamos que nunca o ouvimos com tanto entusiasmo, de tal modo se encontrava comovido perante tão ingente multidão.

Em seguida o Rev.º P.º António Pinheiro, S. J., fez as habituais invocações e, pleno de entusiasmo, deu vivas a Nossa Senhora, ao Senhor Bispo, à Santa Igreja, a que o povo respondeu vibrantemente. Foi depois dada a bênção do SS.º Sacramento e Nossa Senhora recolheu à Igreja Paroquial.

III — A Semana de Estadia de Nossa Senhora

1.º — Houve pregação de manhã às 8 horas e à noite às 21,30.

A concorrência foi enorme: muita

(Continua na 2.ª pág.)

A Visita de Nossa Senhora de Fátima

(Continuado da 1.ª página)

gente de manhã e a igreja cheia à noite. Notou-se o máximo respeito e interesse.

O Senhor P.º Pinheiro foi sempre apostólico e não se poupou a esforços para ensinar, para cantar, para entusiasmar.

As 6 horas da tarde houve, todos os dias, prática às crianças das escolas que acorreram em grande número e em seguida para os alunos do colégio, uma reunião.

2.º — Na terça-feira de manhã foi a comunhão particular de cerca de 150 crianças, sendo a missa dialogada e cantada pelas crianças e tendo o Senhor P.º Pinheiro feito uma prática alusiva. Neste dia comungaram cerca de 500 pessoas.

3.º — Na quarta-feira foi Nossa Senhora visitar os presos da Cadeia Comarcã, onde foi recebida pelo Ex.º Delegado e pessoal do Tribunal e presos. O Senhor P.º Pinheiro dirigiu sentidas palavras aos presos que foram autorizados pelo Ex.º Delegado a acompanhar Nossa Senhora até à Igreja Paroquial, tendo eles mesmo conduzido o andor.

4.º — Na quinta-feira, ao anoitecer, teve lugar a grande procissão das velas. Nunca se viram tantas pessoas com velas, nesta paróquia.

E que entusiasmo! que vibração! Como se cantava e se rezava!

A chegada à Igreja Paroquial o Rev.º Conferente fez vibrar a imensa multidão que enchia completamente o adro e os lugares limítrofes, num mar de velas e de pleno entusiasmo.

5.º — Na sexta-feira a Imagem Peregrina foi em romagem ao Hospital da Misericórdia, acompanhada de grande multidão de crianças e adultos. Esperava-se a Mesa da Santa Casa e o Director Clínico do Hospital. Os doentes vieram para o átrio, nos seus leitos e daí rezaram a Nossa Senhora e ouviram as palavras do Senhor P.º Pinheiro. No dia seguinte confessaram-se e comungaram.

Quando a Veneranda Imagem chegou à Igreja Paroquial, as crianças das escolas ofereceram-lhe o seu ramallete espiritual, numa cerimónia tocante e simples. Esse ramallete soma o seguinte: Missas — 40; Comunhões — 50; Terços — 833; Sacrifícios — 180; Orações — 1.280.

6.º — No sábado, pelas 15 horas, che-

gou o Sr. Bispo Auxiliar que foi recebido no adro da igreja por numerosos fiéis, tendo algumas crianças lançado flores sobre Sua Ex.ª Rev.ª.

E começou logo a administração do Santo Crisma, precedido duma allocução apropriada pelo Ex.º Prelado.

Tudo decorreu com ordem, respeito e devoção apesar do elevado número de crismados e do calor sufocante — 1238.

Após o Crisma e porque a hora já era tardia e evidente o cansaço do povo, o Senhor Bispo rezou as orações pelos mortos em vez da ida ao cemitério.

No domingo ainda foram crismadas 71 pessoas por três vezes, sendo a última vez Ministro, o Senhor Arcebispo. Portanto o número total de crismados foi de 1.309.

7.º — Durante a semana foram-se inscrevendo no livro de Ouro, comprometendo-se a rezar diáriamente o terço, cerca de 500 pessoas.

IV — O dia 15

1.º — O último dia da estadia de Nossa Senhora foi assinalado por três grandes acontecimentos:

Primeiro a comunhão geral, segundo a chegada do Senhor Arcebispo e Missa Campal, terceiro a despedida a Nossa Senhora.

Nunca em Figueiró dos Vinhos houve, pelo menos nos últimos anos, comunhão geral tão numerosa — mais de mil e setecentas comunhões, não contando com as de algumas capelas — com tanta emoção e com tanto espírito colectivo. O Senhor Bispo Auxiliar celebrou às 9 horas, fez uma prática alusiva e deu a comunhão com mais três sacerdotes. A missa foi dialogada por todo o povo sob a orientação do Senhor P.º Pinheiro.

2.º — Pelas duas horas começaram a concentrar-se as freguesias de Arega e Campelo, presididas pelos seus Reverendos Párocos.

Um grupo numeroso de automóveis foi esperar o Senhor Arcebispo ao limite do concelho e ao Rego era esperado por multidão incontável que o recebeu no meio de salva de palmas e nuvens de flores. Na Câmara Municipal foi recebido solenemente, tendo usado da palavra o Senhor Presidente da Câmara e por fim o Senhor Arce-

bispo, que se dirigiu para a Igreja Paroquial onde foi recebido solenemente e donde saiu paramentado para a Avenida dos Plátanos, onde teve lugar a Missa Campal. Sua Ex.ª Rev.ª celebrou a Santa Missa, fazendo a Guarda de Honra ao altar a Legião Portuguesa e os Bombeiros. Ao Evangelho dirigiu quente e apostólica exortação à mole imensa de fiéis que assistia reverentemente à Santa Missa.

3.º — Logo após a Santa Missa organizou-se a Procissão do Adeus a Nossa Senhora, até ao limite do concelho. Imensa multidão de todo o concelho seguiu a bendita Imagem, irmandades, estandartes, legião portuguesa, bombeiros, crianças das escolas, estudantes, autoridades. Quantas lágrimas! quanta comoção! quando a bendita Imagem partiu no carro que a levava à vizinha freguesia da Graça.

V — Conclusão

Semana em cheio a de 8 a 15 de Junho de 1958. Ficou-nos a saudade e decerto um brilho novo nas almas. O elevado número de comunhões — 5.533 —, o entusiasmo de todos, o brilho das cerimónias, a pregação, devem ter calado fundo nas almas.

Só nos resta agradecer, em primeiro lugar a presença do Senhor Arcebispo Bispo Conde e do Senhor Bispo Auxiliar e todo o seu esforço; o interesse das Ex.ªs Autoridades, Guarda Nacional Republicana, da Legião Portuguesa, dos Bombeiros, das escolas, dos II.ªs dirigentes do Ensino e das Crianças, dos alunos e alunas do Colégio e seu Director, a boa vontade e trabalho insano das Comissões das Festas que nunca se pouparam a esforços, os donativos da Ex.ª Câmara Municipal e de todos os paroquianos, o contributo dos lugares na ornamentação da vila, o entusiasmo de todos em suma. A todos muito e muito obrigado.

Termino pedindo as bênçãos do Céu para a minha paróquia e uma protecção especial de Nossa Senhora para todos, e beijo respeitosamente os aneis dos meus Bispos, a quem rendo sincero preito.

Figueiró dos Vinhos, 18 de Junho de 1958.

P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Tristezas para quê!?

**Tristezas
não pagam
dívidas...**



—O Manuel quer anunciar no jornal a morte dum parente e pergunta:

—Quanto custa o anúncio?

—Cinquenta centavos por centímetro.

—Ó diacho, fica caro. O morto tinha um metro e oitenta de altura!

—Calcule que me insultaram indecentemente.

Entre outras coisas, chamaram-me búpede!

—Realmente é gravíssimo. É como se te partissem ao meio...

—O médico receitou-me grandes passeios a cavalo para ver se emagrecia.

—E que tal?

—Olha, o cavalo já está magro que nem um serrote...

AGOSTO NA VIDA RELIGIOSA

Este mês é dedicado ao Mistério da Assunção de Nossa Senhora

INTENÇÕES DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Geral — Para que todos pressintam

e aborream os perigos da doutrina marxista.

Missionária — Para que na Nigéria floresça a verdadeira vida cristã.

PRINCIPAIS DEVOÇÕES PAROQUIAIS

1.^a Sexta-feira — Dia 1

1.^o Sábado — Dia 2

1.^a Senhora — Dia 13

FESTA

DO CORPO DE DEUS

Apesar do mau tempo, a festa pôde ainda realizar-se.

De manhã, às 8,30 foi a comunhão solene de cerca de 50 crianças, a quem a Confraria do Santíssimo ofereceu o almoço.

Às 11 horas foi a Missa Solene e o Sermão e em seguida a Procissão com Jesus Sacramentado.

DOMINGOS E DIAS SANTOS DE GUARDA

Dia 3 — 10.^o após o Pentecostes.

Dia 10 — 11.^o após o Pentecostes. — Missa de S. Lourenço, 2.^a oração do Domingo.

Dia 15 — Assunção de N.^a Senhora.

Dia 17 — 12.^o após o Pentecostes.

Dia 24 — 13.^o após o Pentecostes — Missa de S. Bartolomeu e 2.^a oração do Domingo.

Dia 31 — 14.^o após o Pentecostes.

O BANDIDO

(Continuação)

O tempo, no entanto, tinha-se tornado chuvoso; assim é a maior parte do ano no Congo. Os cavalos e os homens enterravam-se numa lama negra e mal cheirosa, formada por detritos vegetais e terra. Entre aquelas miasmas pestilenciais havia o perigo de se apanhar, pelo menos, uma febre tropical. Mas os nossos conhecidos, generosos como eram, não olhavam a isso, tão preocupados estavam em chegar, o mais depressa possível, em auxílio do missionário.

Certamente o Sr. Nelson estava muito preocupado: sem falar nos perigos naturais, seu filho encontrava-se exposto aos perigos bem mais graves e directos dum bando de salteadores. Mas, depois de lhe ter dado tantas lições de generosidade, o pai não podia perder a ocasião de provar, dum modo prático, a abnegação do filho. Este, além disso — e diga-se para sua honra — prestava-se a esta obra com mais boa vontade do que os outros. Na Europa tinha aprendido a amar, a estimar os padres católicos, e o seu espírito e o seu coração não estavam ainda ofuscados pelo ódio sectário, que, dum modo especial, incubava no coração do professor Ruhe.

No terceiro dia de viagem, os exploradores viram, a distância, um animal, a que de boa vontade teriam dado caça, se motivos superiores os não impedissem. Um animal raríssimo, há pouco descoberto, e que os museus teriam pago a peso de ouro. Era um ele-

fante anão, um autêntico pigmeu, que, quando adulto, não ultrapassa a altura dum boi.

Mas tinham pressa e o bicho desapareceu quase de repente.

Na manhã do quinto dia uma grave surpresa esperava os nossos amigos: o pigmeu, que os acompanhara até então, sumiu-se. Chamaram-no, procuravam-no, mas em vão. O Sr. Nelson julgava que o selvagem, vendo-se próximo da Missão, tivesse ido à frente para anunciar ao missionário a chegada do reforço. Pelo contrário, o Professor inclinava-se a crer numa traição urdida pelo capitão. Fosse como fosse decidiram apressar o passo e, às dez horas do sexto dia, os exploradores chegaram a uma larga esplanada quase sem árvores, cultivada com milho, cevada, etc.

Um grupo de vinte ou trinta cabanas, com o tecto redondo, entre as quais giravam pigmeus, formava parte central da aldeia. Um pouco afastadas estavam duas cabanas, bastante maiores: uma devia ser a igreja porque estava encimada com uma cruz, a outra a habitação do missionário, pois, na soleira da porta, estava sentado um branco cercado por uma dúzia de pigmeuzitos.

Os estrangeiros dirigiram-se para esta. À vista da pequena expedição armada que chegava, os selvagens esconderam-se, dando gritozinhos de espanto. O branco pô-se de pé e fez um gesto de admiração.

— Padre — disse o Sr. Nelson, descendo do cavalo

(Continua)

CATECISMO



"... Ardens et
lucens." (S. João)



56.^a Lição

QUARTO MANDAMENTO DA LEI DE DEUS

(Continuação)

III — Deveres para com a Pátria e para com todos os Homens

No Evangelho, há uma página que nos mostra todo o amor de Jesus para a sua pátria. Aproximava-se de Jerusalém, a grande cidade de casas brancas, com o seu templo que se desenhava no céu. Pensou nela e chorou-a dizendo: «Jerusalém! Jerusalém! que matas os profetas e delapidas os que te são enviados! quantas vezes quis reunir teus filhos, como uma galinha que reúne os filhos debaixo das asas, e tu não o quiseste!...

Se tu conhecesses nesse dia, também tu, a mensagem da paz!... mas desgraçadamente ela foi escondida aos teus olhos. Vão surgir, diante de ti, dias nos quais os teus inimigos estabelecerão junto de ti um campo entrincheirado, te cercarão, te lançarão por terra, a ti e aos teus filhos e não deixarão pedra sobre pedra, porque não conhecestes o tempo em que foste visitada».

(S. Mateus XXIII; S. Lucas, XXII.)

Jesus amava a sua pátria e chorou pensando na sua ruína. Tendes tam-

bém a vossa pátria, que é para vós uma família, dá-vos o seu solo, seus tesouros de arte, protege-vos com suas leis, sua polícia, seu exército. Amai-a vosso dever actual é de trabalhar para vos tornardes cidadãos excelentes e para isso sede um cristão perfeito.

Todavia Portugal não é a única nação do mundo. Em volta dela outras vivem e se desenvolvem. O conjunto das nações forma a imensa família que se chama a Humanidade. Foi resgatada pelo sangue de Jesus Cristo, que disse aos Apóstolos: «Ide, ensinai todas as nações...» Deveis amar todos os homens como irmãos; é o mandamento de Jesus: «Amai-vos uns aos outros».

LIÇÃO

1 — *Quais são os deveres para com a Pátria?*

Respeitar a autoridade civil, obedecer às leis justas e cumprir com consciência todos os deveres cívicos.

Nota — Os principais deveres cívicos são: pagar os impostos, defender a pátria, a custo mesmo do próprio sangue, cumprir com consciência o dever eleitoral.

2 — *A que obriga o dever eleitoral?*

Obriga a votar em homens capazes e, se possível, bons cristãos.

Nota — É uma falta não votar porque o que não vota pode ser a causa de que maus candidatos cheguem ao poder.

3 — *Tendes deveres para com os homens dos países estrangeiros?*

Sim porque são irmãos em Jesus Cristo que disse: «Amai-vos uns aos outros».

4 — *Quais são os deveres para com os homens estrangeiros?*

Respeitar os seus direitos e trabalhar para manter a paz.

5 — *O Estado tem deveres para com os cidadãos?*

Deve assegurar a ordem e os serviços públicos e proteger pelas suas leis os trabalhadores na doença, nos acidentes e na velhice.

ORAÇÃO

A oração é o elo invisível que prende o espírito do homem à imensidade de Deus.

— O sábio pode ir, sucessivamente e sem contradição, ao seu laboratório e ao seu oratório.

— Dentre todos os seres da terra só o homem é capaz de orar: é-lhe natural a oração...; é nela que melhor encontra o apoio para a sua fraqueza, a consolação para as suas dores e a esperança para a sua virtude.

— A oração é um impulso espontâneo da alma: é um sentimento irresistível do homem; depois a razão faz dela um dever.

— Os que oram são sempre necessários ao que nunca oram.

Os animais fazem muitas coisas que o homem faz — comem, andam, gritam, cantam, mas não rezam.

É pela oração que o homem é verdadeiramente superior.



Festa de S. João, Padroeiro da nossa freguesia

Apesar da festa de Nossa Senhora, não deixou de fazer-se a festa do nosso Padroeiro, que decorreu num ambiente de simplicidade mas de interesse por parte de todos.

Pregou o Sermão o Rev.^o Reitor de Castanheira de Pera que agradou plenamente.

A procissão foi uma prova de que o povo a cantar, sem a Filarmónica, dá mais amplitude e beleza a tudo.

Foi, sem dúvida, uma festa de culto paroquial, em que todos procuraram colaborar.